



SIMÓN BOLÍVAR - DO HERÓI LIBERTADOR AO HOMEM DESMISTIFICADO EM *EL GENERAL EN SU LABERINTO* (1989), DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ.

STEDILE, Terezinha (PG-UNIPAN) terezamaya@hotmail.com

RESUMO: Este artigo analisa de forma teórico-reflexiva o romance histórico *El general en su laberinto* (1989), de Gabriel García Márquez, no qual se evidenciam aspectos da personagem que contribuem para a configuração de um Simón Bolívar diferente do ícone histórico, dotado de atributos comuns a qualquer ser humano, vivendo seus conflitos e revelando suas fraquezas. A arte literária busca assim revelar que por trás do herói consagrado pelo discurso histórico, existe o homem despojado de super-poderes, o qual deve ser também considerado. Apoiamo-nos, para a realização deste trabalho, em teóricos como Fernando Aínsa (1991), Seymour Menton (1993), Alexis Márquez Rodríguez (1995) e outros, no que diz respeito a seus estudos sobre o romance histórico latino-americano e seu processo evolutivo. Tais diretrizes forneceram os parâmetros necessários para o enquadramento da referida obra como um modelo de Novo Romance Histórico Latino-americano.

PALAVRAS-CHAVE: Novo romance histórico latino-americano; Simón Bolívar; *El General en su laberinto* (1989); Literatura e História.

RESUMEN: Este artículo analiza de manera teórica-reflexiva el romance histórico *El general en su laberinto* (1989), de Gabriel García Márquez, en el cual se evidencian aspectos del personaje que contribuyen para la configuración de un Simón Bolívar distinto del icono histórico, provisto de atributos comunes a un ser humano cualquiera, viviendo sus conflictos y revelando sus debilidades. El arte literaria busca, de este modo revelar que por detrás del héroe consagrado por el discurso histórico, existe el hombre despojado de superpoderes, el cual debe ser también considerado. Nos apoyamos, para la realización de este trabajo, en teóricos como Fernando Aínsa (1991), Seymour Menton (1993), Alexis Márquez Rodríguez (1995) y otros, respecto a sus investigaciones acerca del romance histórico latinoamericano y su proceso evolutivo. Tales directrices aportaron los parámetros necesarios para el encuadramiento de la referida obra como un modelo de Nuevo Romance Histórico Latinoamericano.

PALABRAS CLAVE: Nuevo romance histórico latinoamericano; Simón Bolívar, *El general en su laberinto* (1989); Literatura e Historia.

O gênero romanesco híbrido que se situa entre os limites da ciência histórica e a arte literária, criado por Walter Scott em 1819 e consagrado pela obra *Ivanhoe*, passou a ser conhecido como romance histórico. Desde o período do Romantismo Europeu, movimento dentro do qual esta forma híbrida de história e ficção foi gerada, até nossos dias, este subgênero passou por várias transformações, mantendo-se ao longo deste processo evolutivo, como o subgênero romanesco mais importante da contemporaneidade. As principais teorias que estudam este processo evolutivo são o substrato que nos possibilita, ao longo deste artigo, analisar o único romance histórico até hoje escrito por Gabriel García Márquez, *El general en su laberinto* (2002). Nesta obra, García Márquez enfrenta-se com o projeto estético que busca descrever os últimos dias da vida do general Simón Bolívar, o Libertador das Américas. O processo narrativo volta-se para o momento em que a personagem realiza sua derradeira viagem descendo o rio Magdalena, em direção ao mar, de onde Bolívar deverá partir para o exílio na Europa. Metáfora da morte, esta viagem representa uma autêntica via-sacra da personagem que durante os oito meses que constituem o tempo cronológico da obra, se vê permanentemente torturada por suas lembranças.

O autor, contudo, vai mais além ao ficcionalizar um espaço-temporal tão decisivo da nossa história: possibilita sua reinterpretação e reinvenção quando nos apresenta um Bolívar destituído da imagem consagrada que as estátuas de mármore insistem em perpetuar. Sutil e magistralmente, a narrativa de García Márquez consegue conduzir a trama de forma que esta permite ao leitor compreender que, nas correntezas daquele rio de vida e morte descreve-se, metaforicamente, dois fluxos de águas cronologicamente estabelecidos: um na superfície, visível, admirado, respeitado e muitas vezes temido; outro nas profundezas, turbulento, silencioso, gradativamente perigoso e ameaçador. O primeiro deles leva o herói conclamado; já o segundo, conduz o homem desmistificado, atormentado pelo acúmulo de cicatrizes sedimentadas pelo tempo, resquícios de decepções, desilusões e desenganos que se agigantam. É desse profundo labirinto que emerge o temido Minotauro, soberano em seu território, cobrando o seu tributo. A metáfora maior se desenha ante os olhos do leitor que acompanha esta trajetória do herói dessacralizado em busca de uma possível saída. Só o processo participativo e ativo de leitura pode encontrar o novo de Teseu e assim, vislumbrar os rumos neste labirinto de imagens e pensamentos que a correnteza do Magdalena carrega em seus fluxos que congregam história e literatura, num intenso diálogo que revela o passado e o presente de nosso continente. Pertinentemente, Milton, em seus estudos analisa:

Aproveitando-se dos episódios referentes aos últimos dias do Libertador – Bolívar encurralado no labirinto de sua morte -, García Márquez recria aspectos da trajetória do herói e, com eles, momentos cruciais da história da América do século XIX. No romance, a figura histórica, o mito e o homem, formam o andaime poético que permite ao escritor expandir o motivo da derradeira aventura de Bolívar à esfera do próprio dilema americano. (MILTON, 1994, p. 131-139).

A história e a literatura se entrelaçam desde os tempos mais remotos, numa fronteira permeável onde a seiva da história fomenta a literatura e por sua vez, esta é uma fonte para o conhecimento histórico, como vemos nos poemas épicos, como *Guerra de Tróia*; *El Cantar de Mío Cid*, ambos, monumentos literários consagrados e fonte histórica.

Na antiguidade greco-latina, a historiografia se constituía um gênero literário no qual o historiador se restringia a elaborar os relatos dos acontecimentos e bem antes de surgir o subgênero romance histórico, a questão referente à “verdade” já era, como se pode ver, arduamente discutida. Platão, ao analisar o assunto, chegou a concluir que a poesia era apenas uma imitação das imagens, uma criadora de vãs aparências. Isso levou Aristóteles a dar, na *Poética* (1963, p. 407), relevância à questão, pois, o filósofo chega a afirmar que “a Poesia é mais filosófica e mais elevada do que a História, pois a Poesia conta de preferência o geral e, a História, o particular”. As proposições de Aristóteles são fundamentos teóricos importantes para a questão da verdade. Cervantes foi um dos que voltou a abordar o assunto em seu clássico *Don Quijote de la Mancha* (1605-1615). Dom Quixote discute as relações entre literatura e história com a personagem Sansão Carrasco, retomando a idéia aristotélica da relação entre ambas:

– *Así es – replicó Sansón –, pero uno es escribir como poeta y otro como historiador: el poeta puede contar los casos no como fueron, sino como deberían ser; y el historiador los ha de escribir, no como deberían ser, sí como fueron, sin añadir, ni quitar a la verdad cosa alguna.* (CERVANTES, 1997, p. 582).

Essa “rivalidade” ou “limitação” não chegou, de fato, conforme defende Fleck (2008), a ser algo sério que viesse a comprometer a relação que sempre existiu entre a história e a literatura, embora tenha servido, desde então, como respaldo, uma espécie de escudo que protege a liberdade criadora do discurso poético. Até mesmo a visão de que a literatura deveria mostrar as verdades históricas que ficaram ocultas por detrás da perspectiva dos vencedores que, na maioria das vezes, senão sempre, foram os que efetuaram os registros históricos, continua existindo.

Em meados do século XIX, literatura e história desenvolveram uma ascendente autonomia entre ambas e, à história coube explicar e interpretar os fatos fidedignamente e, à literatura por sua vez, a liberdade da imaginação para a dramaturgia, a mitificação dos episódios épicos, ficcionalizando-os, já que *“al novelista histórico le es lícito trasponer al pasado los pensamientos de su propio tiempo, cosa que no sucede con el historiador: éste está subordinado a la exactitud, a la verdad, al rigor científico.”* (MATA, 1995, p. 44). A partir dessa panorâmica, surge como subgênero narrativo o romance histórico, cujos ingredientes essenciais são a nostalgia de uma destacada época e a sua efetiva evocação dentro de um contexto em que se situa a ação.

En este sentido, novela histórica no es sin más la que narra o describe hechos y cosas ocurridos o existentes, ni siquiera – como se suele aceptar convencionalmente – la que narra cosas referentes a la vida pública de un pueblo, sino específicamente aquella que se propone reconstruir un modo de vida pretérito, en su lejanía con los especiales sentimientos que despierta en nosotros la monumentalidad. (ALONSO, 1987, p. 80).

Segundo Lukács (1977, p. 15-29), *“Las condiciones histórico-sociales del surgimiento de la novela histórica”*, os primeiros registros do romance histórico se encontram na obra de Walter Scott, de 1814, intitulada *Waverley*, embora a maioria dos teóricos aponte sua outra obra, *Ivanhoé* (1819), como marco definitivo do início do subgênero, pois é a partir desta que a modalidade conhece seu imenso êxito. As circunstâncias sócio-políticas (organização de exércitos para as grandes guerras na Europa) no início do século XIX impulsionaram os indivíduos a tomarem consciência da sua importância histórica e Scott retira dessa realidade o eixo de seus romances. Walter Scott, habilidoso escritor escocês, consegue estabelecer aquela que seria a fórmula de elaboração do subgênero narrativo romance histórico, o qual passa a ser adotado e seguido por uma infinidade de escritores em diferentes países.

Scott estruturou seus romances a partir da visão daquele que participa dos acontecimentos históricos em seus aspectos mais peculiares. Scott *“no altera los acontecimientos históricos; simplemente, muestra la historia como ‘destino popular’ o, de otra forma, ve la historia a través de los individuos.”* (MATA, 1995, p. 23). Sua trama narrativa é capaz de avivar no leitor as cenas de usos e costumes descritas minuciosamente, conferindo-lhes a relevância que realmente exerceram, isto é, dando-lhes de certa forma um sentido contemporâneo. Scott soube captar com sensibilidade as ocasiões históricas merecedoras de serem lembradas através da literatura, que com seus recursos pode manter flamejante o passado fadado ao rigor dos registros históricos. Tem sido tão importante o papel da literatura que muitas vezes os

historiadores lançaram mão de seus artifícios para enriquecer a historiografia e as idéias do romantismo contagiaram e se propagaram entre os escritores da época, segundo afirma Carlos Mata, em decorrência de seus estudos:

La novela histórica es un género genuinamente romántico; y es que, como suele afirmarse, la imaginación romántica hizo ser historiadores a los novelistas y novelistas a los historiadores. Las ideas románticas ejercieron gran influencia en la historiografía de la primera mitad del siglo XIX: Agustín Thierry atribuyó a la imaginación un papel decisivo en la obra del historiador, en tanto que sólo ella podía vivificar los documentos [...] (MATA, 1995, p. 24).

Todavía há registros de alguns romances que aparentam ser históricos, escritos na segunda metade do século XVIII, mas como a forma de atuação de suas personagens e os costumes evidenciados são da época em que foram escritos, não podem ser enquadrados como romance histórico.

Atualmente, história e literatura seguem testemunhando que uma não pode prescindir da outra enquanto mecanismo de acesso ao conjunto de elementos que compuseram o universo panorâmico do nosso passado a ser revelado sob diferentes aspectos e detalhes. Infiltrar-se em possíveis brechas para desvendar mistérios pretéritos das civilizações sempre há sido intenção do ser humano e essa curiosidade latente encontra terreno fértil quando os registros da história são elaborados com os matizes que a literatura dispõe. Essa ânsia por acessar o passado contribui, sobremaneira, para a formação do homem pois:

Cuanto mejor conozcamos nuestro pasado, mejor entenderemos nuestro presente; y cuanto mejor comprendamos nuestro presente, en mejores condiciones estaremos para afrontar felizmente nuestro futuro. Si en la historia el hombre puede buscar su propia identidad, la novela histórica contribuye a evitar la amnesia del pasado en una época necesitada igualmente de raíces y de esperanzas. (MATA, 1995, p. 37).

As inferências de historiadores no âmbito literário são admitidas porque “*el historiador siempre es un intérprete y por lo tanto está más cerca de la ficción que de la ciencia.*” (MENTON, 1993, p. 55). Devido a sua relevância, este foi tema de artigo para o professor de história E. Bradford Burns, da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, publicado na *Revista Interamericana de Bibliografía* com o título “*Bartolomé Mitre: el historiador como novelista, la novela como historia.*” Já em 1982, Tzvetan Todorov, semiólogo em evidência, “*publicó ‘La conquista de América. La cuestión del otro’. En ella condena a Colón por haber considerado inferiores a*

los indios, por su obsesión de convertirlos al cristianismo y por su búsqueda obsesiva del oro.” (MENTON, 1993 p. 55-56). Este enfoque desenvolvido por Todorov sinaliza para um posicionamento mais consciente e a evidência da aplicação da alteridade para a obtenção da justa criticidade frente à história. Menton ainda acrescenta que Todorov “*escribió el libro para impedir que se olvide el genocidio de la Conquista: ‘Porque el otro queda por descubrirse’.*” (MENTON, 1993, p. 56). É neste universo histórico-literário que emergem importantes questões sócio-políticas muitas vezes sonegadas a um povo que, embora tenha sido refém de culturas impostas, merece a dignidade de apropriar-se de seu passado através do resgate da essência de sua história, ainda que para isso haja uma desconstrução de uma história oficial, estratégia esta que vemos presente na obra *El general en su laberinto*, de García Márquez, que se vale da constituição híbrida do subgênero para evidenciar outras perspectivas do passado de nossos heróis.

O Novo Romance Histórico Latino-americano – dentro do qual García Márquez configura a personagem Simón Bolívar – distingue-se do modelo tradicional, segundo aponta Fernando Aínsa (1991), por sua variedade, pela subordinação da reprodução mimética de certo período histórico, pela distorção proposital da história através de anacronismos, omissões ou exagerações, pela ficcionalização de personagens históricos diferente da forma como Scott os apresenta. Outra característica desta nova forma de produção do romance histórico, conforme registra Menton (1993, p. 46) é a presença da metaficção, recurso literário em destaque nas criações de Borges e que se distingue pelos comentários do narrador sobre o processo de criação da obra. A intertextualidade – conceito bahktiniano expandido por Julia Kristeva (1969) e Gérard Genette (1982) – é também mencionada por Menton (1993), como mais um referencial deste subgênero novelesco. Seymour Menton (1993, p. 44), ao estabelecer algumas das principais características do novo romance histórico hispano-americano, refere-se aos estudos de Julia Kristeva, analisando que para a teórica francesa “todo texto se arma como um mosaico de citações; todo texto é a absorção e transformação de outro texto.” Gérard Genette, por sua vez, aprofunda os estudos das relações que se estabelecem entre um texto e outro em sua obra *Palimpsestes: la littérature au second degré* (1982). Nesta obra, o teórico estabelece o termo “relações transtextuais” que se configuram como um conjunto de cinco diferentes maneiras de como um texto pode estabelecer diálogos com outros que o precederam.

O Novo Romance Histórico Latino-americano congrega em sua estrutura também os conceitos bahktinianos (1980) de dialogia, carnavalização e paródia, presença de extremos e absurdos inclusive na linguagem, que destacam as exagerações humorísticas e enfatizam funções do corpo humano, com a finalidade de provocar,

pela linguagem, uma inversão de poder, uma crítica acirrada pela ironia, o humor e outros recursos linguísticos.

Alejo Carpentier, romancista cubano, é considerado o precursor do Novo Romance Histórico na América Latina, com a obra *El reino de este mundo* (1949), sendo o caráter cíclico da história a característica determinante de seu estilo novelesco – aspecto que García Márquez reelabora em sua obra *El general en su laberinto*, pela própria metáfora que homenageia, primeiro a Borges e depois, ao autor de *Viaje a la semilla* (1969).

A história oficial latino-americana guarda em seus arquivos um manancial de acontecimentos que, ao serem abordados pelos romancistas históricos, enriquecem o universo literário, propiciando a acessibilidade a relevantes informações sobre este continente através da ficção. As peculiaridades restritas a determinado fato histórico ou a seus protagonistas podem, através do romance histórico, revelar aspectos importantes do passado de homens e mulheres, cúmplices na construção de uma história que, inevitavelmente produzirá sempre diferentes versões, dependendo de quem a escreva.

Na América Latina, o romance histórico, ao ficcionalizar a história, desconstrói a visão tradicional dos fatos relatada através do olhar estrangeiro, para oportunizar outras perspectivas, baseadas nos detalhes e particularidades da realidade onde os fatos aconteciam, fomentando as possíveis incursões de protagonistas de grandes ou pequenos episódios, sua vida privada, seu cotidiano, os bastidores de sua história, com a perspicácia peculiar do nativo desta América, disponibilizando registros da nossa cultura com as nuances obrigatórias de um passado que nos pertence, mas que foi registrado apenas sob a visão do colonizador europeu. As angústias e os sonhos de um povo que viu desestabilizada sua estrutura e posteriormente massacrada sua cultura, podem ser retratadas pelo viés da ficção de forma a proporcionar uma sutil identidade entre os leitores latino-americanos e seus antepassados.

Segundo as definições de romance histórico, expostas por Seymour Menton em *La nueva novela histórica de la América Latina 1979 – 1992*, enquadraram-se nesta categoria “*aquellas novelas cuya acción se ubica total o por lo menos predominantemente en el pasado, es decir, un pasado no experimentado directamente por el autor.*” (MENTON, 1993, p. 32) e, corroborando esta opinião, Anderson Imbert (1951, apud MENTON, 1993, p. 33) defende que: “*llamamos 'novelas históricas' a las que cuentan una acción ocurrida en una época anterior a la del novelista.*” Não obstante, o romance de García Márquez, *El general en su laberinto*, foi escrito em 1989, mas se reporta a fatos da vida de Simón Bolívar até sua morte em 1830,

configurando-se desta forma como romance histórico.

Considerando a magnitude histórico-literária latino-americana, analisamos a obra *El general en su laberinto* (2002), de Gabriel García Márquez, a qual narra a trajetória sócio-política e humana do líder Simón Bolívar, “*El libertador*”, a partir de um prisma retrospectivo em que a personagem, desiludida, evoca por meio de apelos à memória, seus desejos e conquistas, constatando o fracasso de seu maior sonho: a unificação do continente latino americano.

Este romance histórico é um texto híbrido no qual convergem aspectos da realidade factual e da ficção imaginativa. Uma obra na qual se percebe que o autor mantém fidelidade à história oficial em relação a muitos aspectos apresentados no romance, porém utiliza a prosa poética na qual o realismo mágico é convertido em recurso literário a fim de configurar Bolívar como um ser humano comum, despojado da imagem mitificada com que o discurso histórico busca retratá-lo. A literatura, com seus liames, oferece a possibilidade de um texto dramático, permitindo que a figura histórica de Simón Bolívar seja descrita com autenticidade, atribuindo à personagem ficcional daí resultante, uma característica importante: a missão de desmistificar uma imagem cultuada historicamente, revelando em pormenores os bastidores da vida de um herói sacralizado.

Simón Bolívar – um homem perseguindo um sonho – um sonho perseguindo um homem. É dentro dessa premissa que o autor desenvolve este romance, em que as circunstâncias dramáticas dos acontecimentos indicam o labirinto em que a personagem passa os últimos meses de sua vida. O título dado a esta obra instiga à reflexão, pois alude a um tema mitológico, o do Minotauro, que em seu labirinto devorava jovens que lhe eram ofertados em sacrifício. Sua derrota chega ao deparar-se com Teseu, aquele que o leva à morte. Em sua derradeira viagem pelas águas do rio Magdalena em direção a Cartagena de Índias e, supostamente depois para a Europa, Bolívar sobrevive rodeado de lembranças as quais prolongam seus dias e seus pesares. Assim como o Minotauro não se entrega facilmente ao jovem guerreiro, ele tem que conviver diuturnamente em duelo contra este monstro, a morte. Um tema constante, ressaltado metaforicamente inúmeras vezes por Márquez, traz à tona a expectativa de Bolívar no decurso do calvário percorrido ao longo da narrativa, em sucessivas paradas, propositalmente oportunizadas, para o encontro com amigos, fantasmas de um passado cujas recordações o conduzem a um confronto com a fatalidade irremediável que lhe reserva este labirinto. Simón Bolívar deixa transparecer em atitudes, palavras, em simples expressões e até mesmo em omissões, a brevidade do tempo que lhe resta, sinais estes reconhecidos por aqueles que o rodeiam, como podemos ver neste trecho que destacamos a seguir. Nele o general Montilla e alguns

amigos percebem a fragilidade de seu companheiro após uma visita em que ele, ao despedir-se, lhes entrega uma medalha de ouro com sua efígie, gesto que repercutiu como se fosse uma recordação póstuma, deixando escapar dos lábios de García del Río, em baixo tom, a seguinte observação: “*Ya tiene cara de muerto.*” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 150).

Ao mesmo tempo em que segue lentamente esta trágica viagem, o general faz constantes paradas, nas quais revive seu passado e feitos heróicos que, indelevelmente, compuseram um propício panorama para a construção do herói mitológico, aclamado de norte a sul do continente, mas que o intrépido destino se encarregou de transformar em um Quijote, obcecado pela esperança de reconstrução de um mundo alicerçado na justiça e no ideal de união de todos os latino-americanos. Este ser é, concomitantemente, atormentado pelo seu caótico micro-universo de decepcionantes realidades. Assim como Cervantes reveste Don Quijote de atributos que lhe facultam a capacidade de realizar as grandes façanhas que, em síntese, representam os anseios do cidadão comum, mas desprovido da percepção das conseqüências que estas podem provocar e sem avaliar as próprias limitações dentro daquele processo, Gabriel García Márquez também resgata no tempo o valente Bolívar, que desafia estruturas, rompe paradigmas, idealiza um sonho e tem como seu fiel escudeiro José Palácios, homem que vive em constante simbiose com este Quixote, abdica de sua própria existência para seguir um caminho à sombra de seu amo, para servi-lo, conforme se pode ver no trecho selecionado:

José Palacios había entrado muy joven a su servicio, por disposición de la madre del general, que era su dueña, y no fue emancipado de una manera formal. Quedó flotando en un limbo civil, en el que nunca se le asignó un sueldo, ni se le definió un estado, sino que sus necesidades personales formaban parte de las necesidades privadas del general. Se identificó con él hasta en el modo de vestir y de comer, y exageró su sobriedad. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 270).

A formação de Simón Bolívar teve como influência determinante, as idéias de democracia e liberdade que então fomentavam as grandes mudanças políticas na Europa, extraídas dos muitos livros de filosofia e literatura de autores clássicos do século XVII que acessou em suas viagens ao velho continente, quando ainda não imaginava que seria o “Libertador das Américas” e em seus discursos “a influência dos grandes pensadores políticos do século XVII – Rousseau, Voltaire e Montesquieu, como também de Locke – é nítida.” (CASTRO, 1973, p. 109). Esse cabedal de conhecimentos, que vinha de encontro a um princípio de ideal de liberdade que germinava pouco a pouco em Bolívar, assegurou-lhe a certeza de que a causa da

América merecia o seu esforço e, numa tarde de verão no Monte Sacro em Roma – lugar em que historicamente se haviam refugiados os plebeus romanos, em luta contra os patrícios por uma igualdade de direitos –, movido pelo sentimento de liberdade contra a opressão que a situação inspirava, Bolívar disse, com o vigor dos seus 23 anos, ao seu amigo e professor Simón Rodríguez: “Juro perante você, juro pelo Deus de meu país, juro pelos meus pais, juro por minha honra e pela pátria que não darei descanso a meu braço, nem repouso à minha alma, enquanto não romper os grilhões com que nos oprime o poder espanhol.” (CASTRO, 1973, p. 36). Tal juramento foi lembrado pelo próprio Bolívar 20 anos mais tarde, quando escreveu a Rodríguez:

‘- Lembra-se como escalamos o Monte Sacro para prometer sobre o seu solo sagrado a liberdade de nosso país? Certamente eu não esqueci esse dia de glória imortal. Foi o dia em que minha alma profética antecipou a esperança que não nos atrevíamos ainda a expressar’. (CASTRO, 1973, p. 36).

Em tão pouco tempo a antiga realidade, na qual lhe sobravam reverências, transformou-se em vivência postiça, de incríveis equívocos quase impossíveis de se administrar. Por onde antes era aclamado com honra, agora com sua rédua de soldados miseravelmente vestidos, era confundido e ignorado como se fosse um andarilho qualquer. Em uma das suas constantes paradas, em um convento, as noviças cantavam canções de amor do repertório crioulo, acompanhadas por uma monja superiora com sua harpa e ao final uma delas passou o chapéu pedindo esmolas e a superiora a interpelou: “*No le pidas al enfermo.*” “*Pero la novicia no le hizo caso. El general, sin mirarla siquiera, le dijo con una sonrisa amarga:*” “*-Para limosnas estoy yo, hija.*” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 49) e as deferências foram dadas ao coronel Wilson que o acompanhava, por ter ares de autoridade com seu uniforme bem alinhado, em contraste com as roupas de Bolívar, que ao final disse: “*-Ya no soy yo.*” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 49). Como se observa, o autor, de posse de informações históricas tão significativas, desenvolveu seu enredo entre a glória e o caos do mito. Tal como Quixote, Bolívar cumpria a sina de um homem sem raízes e sem vínculos afetivos significativos. Se casou muito jovem com a espanhola María Teresa Rodríguez del Toro, com a qual viveu um intenso e curto amor, pois ficou viúvo aos 19 anos. Certa vez, declarou: “-Eu amava muito minha mulher. Quando ela morreu, jurei nunca mais me casar. Mantive minha promessa.” (CASTRO, 1973, p. 27). García Márquez aproveita-se desta promessa para configurar sua personagem, pois, em um determinado contexto o narrador afirma: “*nunca más habló de su esposa*

muerta, nunca más la recordó, nunca más intentó sustituirla." (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 257). A morte de Maria Teresa mudou completamente o rumo de sua vida e ele próprio chegou a admitir: "-Vejam vocês como são as coisas. Se eu não tivesse enviuvado, minha vida teria sido outra; eu não seria o general Bolívar, nem o Libertador, embora reconheça que minha vocação não era para ser alcaide de San Mateo." (CASTRO, 1973, p. 27). No íntimo ele sabia que, se não tivesse sido o que foi, teria abdicado de sua vocação e conseqüentemente, não seria feliz. García Márquez, ao configurar ficcionalmente sua personagem, vale-se destes traços da personalidade do herói e cria situações em que Bolívar sufoca a ansiedade que sente diante das tantas incertezas impostas pela vida e pelos percalços dos combates, envolvendo-se em romances fugazes e libertinos; porém entre uma aventura e outra, em seu eterno navegar, tem como porto seguro a quitenha Manuela Sáenz, que sempre volta a ocupar seu lugar de amante oficial. O autor, por muitas vezes expõe sua personagem a situações que corroboram essa verdade, como vemos a seguir:

Mientras tanto, se consolaba en un idilio múltiple con las cinco mujeres indivisibles del matriarcado de Garaycoa, sin que él mismo supiera jamás a ciencia cierta cuál hubiera escogido entre la abuela de cincuenta y seis años, la hija de treinta y ocho, o las tres nietas en la flor de la edad. Terminada la misión en Guayaquil escapó de todas ellas con promesas de amor eterno e pronto regreso, y volvió a Quito a sumergirse en las arenas movedizas de Manuela Sáenz. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 157).

Dessa forma, a obra vai revelando detalhes de um Bolívar que lastreou sua trajetória com atos de coragem, decisão, astúcia e se confirmou como grande estrategista. García Márquez cita, em sua obra, através da fala da personagem Miranda, quando questionada por seu pai, sobre Simón Bolívar, a seguinte comparação: "-*He feels he's Bonaparte.*" (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 83) ou seja, ele se sentia o próprio Napoleón. O estigmatizado mito, consagrado por suas grandes vitórias "*seguirá siendo el más grande de los colombianos hasta en los confines del planeta.*" (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 78). Embora era assim que o vissem, na vida e nos bastidores da política as coisas são como são e não como gostaríamos que fossem. Deste modo, a narrativa romanesca expõe que não raras vezes Bolívar era surpreendido por reveses que não lhe deixavam opções satisfatórias, como quando ofereceu a seu grande amigo marechal Sucre o cargo de presidente, o qual o recusou. Com essa resposta Sucre selou para sempre o destino de Bolívar, que afirmou: "-*usted acaba de tomar por mí la decisión final de mi vida.*" (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 27). E a narrativa segue descrevendo em detalhes a sequência de ações atribuídas a Bolívar através da personagem que, naquela noite redatou sua renúncia ao comando

supremo dos territórios livres do colonialismo espanhol.

Um dos traços demarcados enfaticamente na obra pelo autor é a recorrência ao perfil da personagem na integralidade de sua trajetória. Como recurso literário, o autor faz uso de retratos de Bolívar, pintados ao longo de sua vida, estrategicamente aludidos no texto com o propósito de evidenciar a desconstrução do mito, refletindo êxitos e fracassos, os quais configuraram seu perfil no imaginário popular. A fidelidade aos seus verdadeiros traços é reproduzida por duas vezes, aos 16 e aos 32 anos, respectivamente em Madrid e no Haiti. Conforme ia obtendo destaque, sua figura se transformava e aquele mestiço, com resquícios de sangue africano em sua linhagem, foi perfilado com traços de herói romano, porém, a decadência da personagem fez com que sua verdadeira face fosse retratada impiedosamente, como na tela de Espinosa, a qual o autor se refere neste fragmento: “[...] *el retrato de Espinosa no se parecía a nadie más que a él, a los cuarenta y cinco años, y ya carcomido por la enfermedad que se empeño en ocultar y en ocultarse incluso a si mismo hasta las vísperas de la muerte.*” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 187).

O sonho de Bolívar começa a ser corroído no mesmo dia em que alcança o ápice. Os políticos começavam a organizar movimentos separatistas nos territórios conquistados com a intenção de federalizar o continente, o que contrariava o ideal libertador de Simón Bolívar. Esta foi a causa determinante para o desfecho caótico de uma guerra que durou vinte anos. Para referir-se a esse aspecto histórico, García Márquez elabora para a personagem uma situação em que lhe pedem para que assuma a presidência do país em defesa da pátria, ao que Bolívar, já consciente do fim de seu sonho, declara: “*ya no tengo patria por la cual sacrificarme.*” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 43).

As constantes protelações de sua saída do continente rumo à Europa, por várias vezes reiteradas na narrativa de García Márquez, nada mais eram do que a eterna fuga do auto-enfrentamento diante da realidade. A fictícia estagnação do tempo no compasso fúnebre do relógio que seguia marcando 01:07 se apresenta como tábua de salvação.

À medida que a personagem seguia adiante com seu séquito, aumentavam seus obstáculos, já não considerados desafios, mas sim componentes de um destino irremediavelmente traçado. A cada golpe sofrido, a cada estratégia mal sucedida que aflorava em sua memória, ela ia deixando pelo caminho parte de sua caravana, um pouco dos pertences que ainda lhe restavam, algumas relíquias outrora preciosas, mas que agora não passavam de simples quinquilharias. Assim, a personagem vai se desvanecendo de seus bens materiais ao mesmo tempo em que seus sonhos se desvanecem. Perspicazmente, o autor metaforiza essa realidade. A fidelidade moral

da personagem com o compromisso de liberdade e união do continente latino-americano não lhe permitiam paz de espírito e, num lampejo de lucidez entre tantos devaneios, constata: “-en cambio yo me he perdido en un sueño que no existe.” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 227).

Os registros históricos afirmam que Bolívar, em seu leito de morte, quando recebia a extrema-unção, manteve seu peculiar sarcasmo e, comparando-se a personalidades históricas, expressou: “- Os três grandes teimosos da humanidade foram Jesus Cristo, Dom Quixote e eu”. (CASTRO, 1973, p. 208). Posteriormente, ditou sua mensagem de despedida aos colombianos na qual conclama a todos pela união do território americano e em seu delírio de morte divaga frases como: “- vamos embora, levem minha bagagem para fora da fragata... não nos querem neste país.” (CASTRO, 1973, p. 209). Os devaneios que o afligem na história factual são transformados pela ficção em elementos integrantes do labirinto que o apavora até seus últimos instantes de vida, quando só lhe resta aceitar a fatalidade diante da bênção dos santos óleos conferida aos moribundos, ocasião em que tece comentários sobre sua infelicidade de não acreditar na vida após a morte, a personagem expressa angustiada: “-¡Cómo voy a salir de este laberinto!” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 271). Falece aos 17 dias do mês de dezembro do ano de 1830. Também na literatura se fecha o ciclo de vida por tantas vezes ameaçado. O paralelo acima, entre história e literatura, nos indica que, para subsidiar seu audacioso projeto, García Márquez precisou recorrer a infindáveis fontes históricas e delas extrair o substrato que possibilitou emoldurar sua personagem e, com a necessária dose de dramaturgia, a perfilou. Analisando a dimensão do romance de García Márquez, Carlos Fuentes (1990, p. 24), em *Valiente Mundo Nuevo*, comenta:

La narrativa de García Márquez, esta vez, es directa e históricamente localizada, pero la iniciación lineal no tarda en florecer, hacia arriba y hacia abajo, y lateralmente, como una planta, histórica, triste y vibrante, de la ilusión del poder y la traición del cuerpo. Siguiendo al libertador Simón Bolívar en su viaje hacia la muerte, García Márquez no sólo desacraliza a la estatua. Convierte a Bolívar en un ser reconocible y sufriente, cuya misión más grande, quizás, fue la de liberar al continente de su obsesión fundadora con la utopía. (FUENTES, 1990, p. 24).

Pela leitura feita, podemos afirmar que a literatura, com seus recursos, sintetizou em *El general en su laberinto*, um período fundamental para o continente Latino Americano: a independência do colonialismo espanhol. García Márquez reescreve os momentos finais da vida de Bolívar, dando um enfoque especial ao lado mais puramente humano do Libertador, revelando um homem que definha aos

poucos, corroído pelas lembranças de um passado que oscilava entre glórias e fracassos, elementos substanciais incluídos na narrativa para fazer com que fatos negligenciados pela história oficial contribuíssem para a elucidação de uma verdade que, talvez, não seja tão aprazível, pois revela aspectos da realidade que não condizem com o perfil de mito, galardonado de vitórias, conquistas e glorificações que o discurso edificador da história atribui ao herói, autêntico mestiço americano. O autor se utiliza de um narrador onisciente para viabilizar sua trama novelesca, por meio da qual aborda aspectos oficiais da história, porém o eixo que determina o seu desenrolar são as ações íntimas da personagem e dessa forma disponibiliza um acesso mais fidedigno à história reconfigurando-a, pela leitura que dela faz o romance histórico.

NOTAS

Data de recebimento: 09/07/2010

Data de aceite para a publicação: 30/10/2010.

* Graduada em Administração de Empresas pela Universidade do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Cascavel – PR; pós-graduada em Língua Espanhola pela União Pan-Americana de Ensino – UNIPAN/Cascavel – PR. Diplomada em Espanhol Língua Estrangeira Nível Superior – Instituto Cervantes/Espanha.

REFERÊNCIAS

AÍNSA, F. *La nueva novela histórica latinoamericana*. México: Plural, 1991.

ALONSO, A. *Ensayo sobre la novela histórica*. Madrid: Gredos, 1987.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Maria H. da Rocha Pereira. 2 ed., Coimbra: Hélade, 1963.

BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e de estética (a teoria do romance)*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al, São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1980.

Castro, m. W. *Biblioteca de História – Grandes personagens de todos os tempos – Bolívar*. São Paulo: Três, 1973.

CERVANTES, M. de. *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Barcelona: Planeta, 1997.

FLECK, G. F. *O romance, leituras da história: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas*. 2008. 333 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2008.

FUENTES, C. *Valiente Mundo Nuevo – épica, utopía y mito en la novela hispanoamericana*. México – DF: Fondo de Cultura Hispánica, 1990.

GARCÍA GUAL, C. *Apología de la novela histórica y otros ensayos*. Barcelona: Península, 2002.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *El general en su laberinto*. 7.ed., Barcelona: 2002.

GENETTE, G. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.

KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. Trad. Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LUKÁCS, G. *La novela histórica*. Trad. Jasmin Reuter. 3 ed., México: Era, 1977.

MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, A. *Historia y ficción en la novela venezolana*. Caracas: Monte Ávila, 1991.

MENTON, S. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. México DF: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MILTON, H. C. O tema da morte e do herói: o labirinto de Simón Bolívar na criação de García Márquez. In: Rev. Letras. São Paulo, 34, 1994.

SPANG, K.; ARELLANO, I.; MATA, C. (Ed.) *La novela histórica*. Teoría y comentarios. Barañáin: Universidad de Navarra, 1995.

Data de recebimento: 09/07/2010

Data de aceite para a publicação: 30/10/2010.

SOBRE A AUTORA

Terezinha Stedile é graduada em Administração de Empresas pela Universidade do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Cascavel - PR; pós-graduada em Língua Espanhola pela União Pan-Americana de Ensino – UNIPAN/Cascavel – PR. Diplomada em Espanhol Língua Estrangeira Nível Superior – Instituto Cervantes/Espanha; autora da obra: *Bocadillo Literario* (Editora Isis/2010).